

O Modernismo:

- Argan: "Sob o termo genérico Modernismo resumem-se as correntes artísticas que, na última década do século XIX e na primeira do século XX, propõem-se a interpretar, apoiar e acompanhar o espírito progressista, econômico-tecnológico de civilização industrial. São comuns às tendências modernistas: 1) a deliberação de fazer uma arte em conformidade com sua época e a renúncia à invocação de modelos clássicos, tanto no temático como no estilo; 2) o desejo de diminuir a distância entre as artes "maiores" (arquitetura, pintura e escultura) e as "aplicações" aos diversos campos de produção econômica (construção civil corrente, decoração, vestuário etc.); 3) a busca de uma funcionalidade decorativa; 4) a aspiração a um estilo ou linguagem internacional ou europeia; 5) o espírito em interpretar o ESPIRITUALISMO que se dizie (com um pouco de ingenuidade e um pouco de hipocrisia) insipua e rejeitou o industrialismo. Por isso, mesclam-se nas correntes modernistas, muitas vezes de maneira confusa, motivos materialistas e espiritualistas, técnico-científicos e alegórico-poéticos, humanitários e sociais. Por volta de 1910, quando ao entusiasmo pelo progresso industrial sucede-se a consciência de transformação em curso nas próprias estruturas da vida e de atividade social, formam-se - ao no intuito do MODERNISMO as VANGUARDAS artísticas preocupadas não mais em modernizar ou atualizar e sim

- 1890-1910 - 2 décadas: espírito progressista
- 1910 - século XX: início da transformação em curso nas próprias estruturas da vida e de atividade social

em revolucionar radicalmente as modalidades e finalidades de arte.

Função do artista

A pintura do Modernismo:

Na época do Modernismo, na passagem entre os séculos XIX e XX, discute-se muito a figura psicológica, social, profissional do artista, indício seguro de crise de sua função concreta na sociedade.

Os grandes pesquisadores como Cézanne, os inovadores como Van Gogh continuam a ser ignorados, mas não menos por culpa dos "acadêmicos", que por toda parte estão em laia: a sociedade moderna, que se vangloria de ser avançada quer artistas avançados, contudo não lhe agrada a arte que levanta problemas. Governos, municípios, bancos se tornam mecenases, encomendam grandes decorações em "estilo moderno" para seus edifícios.

Os artistas apreciados pelo público têm seu tipo psicológico, como personagens que representam um papel: anônimo o ar de iniciados, gênios inspirados e rebeldes, mas geralmente estão prontos a fazer todas as concessões. Na França, existem artistas de primeira grandeza, quase todos os impressionistas ainda estão vivos e em atividade; todavia os dois personagens da época são Rodin e Beldini: Rodin, o escultor de pensamentos profundos, o Michelangelo da belle époque; Beldini, o retratista mundano, brilhante, superficial. São as 2 faces de mesma moeda.

Os artistas de fama explicitamente rebelam-se contra a burguesia capitalista, não mais por razões ideológicas, e sim porque suas belas almas são perturbadas pelo materialismo dos negócios, sendo a própria burguesia que os quer anti-burgueses, um pouco por complexo de culpa, um pouco por lhe parecer cômodo delegar aos artistas mais aclamados de época

O fato é que o próprio Ensor é e se mantém como um burguês do interior (nasceu e viveu em Ostenda), seu espírito caustico, seu humor negro também pertencem à tradição flamenga, remontam a Bosch e Bruegel, seu estilo invasivo de forma, mas não transforma a pintura tradicional, exerce as funções - navalias, mas não a modificar a ideia que tem a respeito da arte. Em suma, sua pintura, que pretende ser a crítica, é antes a auto-crítica da burguesia. Ensor, típico caso do "banco moderno", não é (nem a outra face, soure e pombica, de pintura confiante e glorificadora do Modernismo).

No entanto, foi o primeiro (e ainda não se falava em Freud) a esquadrihar com a pintura as profundezas do inconsciente, e desobrir o fervilhar das imagens sob a cristalina clareza da forma.

Para tanto, teve de subverter a identidade entre arte e consciência por meio dos impressionistas: mais exatamente, o otimismo, a limpidez de vista e do espírito, o gosto pagão de Renoir pela vida.

Houveis larvas ao invés de belas donzelas, esqueletos ao invés de rósea nudez, velhos traps ao invés de flores; se pare Renoir os acordes por dissonâncias eram um prolongamento de harmonia cromática, pare Ensor continuam, devem continuar como dissonâncias estridentes, anímico como o signo deve se libertar de cor, anunciando uma vitalidade própria, aguçada e furiosa. Por vezes, como em "A queda dos anjos rebeldes" (1888), ele chega à destruição da figura, a rebelião dos signos frente à obrigação de significar. Mas não é, como se chegue a dizer, o anúncio precoce do não-figurativismo: é apenas o prelúdio (e provavelmente a fonte)

daquella gosto amargo pelo indeterminado ou
pelo desfeito que logo prevaleceu na pintura de
Koboschka (outro típico caso de "kanon moderno").

A gráfica ilustrativa de Kulín condiz com o determinismo
social de Enns: uma escrita figurada que se torna
quase automática na descrição angustiada e
sardônica dos negros fantasmas que ocupam o
espaço do mundo sob a máscara cobrindo de
vida cotidiana.

Instituto de arte contemporânea

Profundidade
da escrita?